

manuscritica

HUMANITAS

Manuscrita Revista de Crítica Genética
São Paulo, N° 20, 2011

Conselho Editorial

Almuth Gréssillon
Aparecido José Cirillo
Cecília Almeida Salles
Claudia Amigo Pino
Eliane Vasconcelos
Irene Fenoglio
Júlio Castañon Guimarães
Marcos Antonio de Moraes
Marlene Gomes Mendes
Sônia M. Van Dijk Lima
Telê Ancona Lopez
Philippe Willemart
Raúl Antelo
Roberto de Oliveira Brandão
Roberto Zular
Verónica Gallíndez Jorge
Yêdda Dias Lima

DIAGRAMAÇÃO

Marcos Eriverton Vieira

ILUSTRAÇÕES

(capa) "Torre de Babel", transcrição
da Bíblia (Haroldo de Campos)
(fac-símile) Transcrição da *Iliada*
(Haroldo de Campos)
Coleção Família Haroldo de Campos
Fotos: Ivson Miranda

REVISÃO DOS ABSTRACTS

Samira Murad

Manuscrita é uma publicação da
Associação de Pesquisadores
em Crítica Genética (APCG) e da
Pós-Graduação em Estudos Linguísticos Literários
e Tradutológicos em Francês
Universidade de São Paulo
Publicação realizada com o apoio da CAPES

Editoras deste número

Claudia Amigo Pino
Mônica Gama

DIRETORIA APCG

José Cirillo
Sílvia Guerra Anastácio
Claudia Amigo Pino
Mônica Gama

COORDENAÇÃO DO DOSSIÊ

Marie-Hélène Paret Passos e Sergio Romanelli

**ASSOCIAÇÃO DE PESQUISADORES
EM CRÍTICA GENÉTICA**

Assinatura e Venda Avulsa
e-mail: manuscrita@gmail.com
e-mail: editorahumanitas@usp.br

EDITORA HUMANITAS

Presidente
Francis Henrik Aubert
Vice-presidente
Mario Miguel González

Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

DIRETORA

Sandra Margarida Nittrini

VICE-DIRETOR

Modesto Florenzano
ISSN 1415-4498

EDITORIAL

A *Torre de Babel*, traduzida (e colorida) por Haroldo de Campos, ilustra a nossa capa e também constitui uma bela imagem do conteúdo do nosso número 20. Falando grego, árabe, inglês, espanhol, crioulo cubano, alemão, francês, português, italiano e também a língua de James Joyce, a maioria dos artigos aqui reunidos procura entender as relações entre crítica genética e tradução.

Com a ajuda de dois pesquisadores de núcleos emergentes em crítica genética, Marie-Hélène Paret Passos (PUC-RS) e Sergio Romanelli (UFSC), tínhamos como objetivo inicial estabelecer um panorama dos estudos no Brasil sobre os arquivos de tradutores. Porém, durante o processo de constituição deste dossiê, descobrimos que o estudo da gênese em tradução implica em uma reflexão constante sobre o que é criar: assim, mais do que panoramas ou descrições, aqui os leitores encontrarão, sobretudo, reflexões.

Reflexões que muitas vezes servem também terapias ou, mais precisamente, "homeroterapias". A tradução da *Iliada* ajudou Haroldo de Campos a superar graves problemas de saúde, conta Gênesis Andrade no comentário ao fac-símile deste número. O manuscrito dá conta do caráter transformador dessa tarefa: a tradução se encontra entrelaçada a citações em grego, latim, alemão, inglês, italiano, francês, além de comentários filológicos e pequenas explosões de reflexão em todas as cores e sentidos.

Os primeiros artigos do dossiê mostram a relação entre processo de criação em tradução e história. Enquanto "Estudo da gênese das *Mil e uma noites* de Pedro II", de Rosane de Souza (UFSC) descreve e propõe uma discussão sobre o papel de um tradutor brasileiro no século XIX, o texto "Arquivos e historicização de uma tradução: a recepção de Guimarães Rosa na França dos anos 1960", de Márcia Aguiar (USP) tenta mostrar que a primeira tradução francesa de *Grande Sertão: Veredas* não pertence somente ao tradutor, mas também às concepções literárias na França dos anos 60.

Já o texto seguinte coloca de lado a história para se centrar somente na figura de um tradutor, Donald Schüler, tradutor de *Finnegans Wake* no Brasil. Marie-Hélène Paret Passos descreve o processo de tradução de Schüler como um trabalho de invenção na língua portuguesa, que levava em conta processos de criação do próprio Joyce na língua inglesa.

Duas traduções bem diversas compõem o nosso dossiê. A primeira, uma preciosa colaboração de Rafael Rodriguez Beltrán (Fundação Alejo Carpentier), é uma tradução ao espanhol de um datiloscrito inédito do escritor cubano, “Historia de lunas”, encontrado na França em uma mala perdida e recuperada recentemente. No comentário introdutório, podemos observar a importância dessa narrativa na gênese da obra como um todo de Carpentier.

A outra tradução e a entrevista concentram-se em um aspecto do processo tradutório: a criatividade. O texto “Modelos explicativos da criatividade em tradução”, de Iona Balacescu e Bernd Stefanik (das Universidades de Craiova, Romênia, e Bielefeld, Alemanha), traduzido por Marion Celli (USP) e Carolina Poppi (USP), visita várias abordagens teóricas para questionar a oposição entre fidelidade e criatividade em tradução. O dossiê se fecha com uma entrevista a Eric Nepomuceno, realizada por Marie-Hélène Paret Passos que mostra que a criação em tradução é um processo afetivo, de aproximação de duas pessoas, de duas línguas: “é apenas trazer para o meu idioma e, por dentro, pela alma, além – é claro – de pela forma, o que o autor escreveu no idioma dele”.

Fora do dossiê tradução, encontramos outra Torre de Babel, mas na qual as diferenças estão marcadas pelo objeto, e não pelo idioma. Os artigos de Luciana Antonini Schoeps (USP), “A ficcionalização do literário nas bibliotecas fantásticas de Gustave Flaubert e Machado de Assis”, e de Luz Pinheiro (USP), “A construção da verossimilhança em *Cinzas do norte*, de Milton Hatoum”, refletem sobre a construção ficcional, em diálogo com a crítica genética.

Em âmbitos bem diferentes, o texto de Laila Rotter Schmidt (UFSCar), “Cinema e processos de criação: Apontamentos acerca de um percurso transcriativo”, concentra-se nas relações entre teatro e cinema, enquanto o trabalho de Sergio Romanelli, “Gênese e Metagênese: o artista e o geneticista em busca da fonte”, explora as relações entre artes plásticas, poesia e balé.

O último andar da nossa torre tenta coincidir as diversas línguas e objetos tratados neste número em algumas lógicas em comum. Trata-se da resenha “Cicatrizes da criação”, de Carla Cavalcanti e Silva (Unesp-Assis), na qual a autora apresenta o livro *Logiques du brouillon: Modèles pour une critique génétique*, de Daniel Ferrer (ITEM). Porém, preparamos o nosso leitor para uma decepção: o livro não chega a nenhuma lógica global da criação, salvo talvez uma: que para refletir sobre a invenção, a única saída é continuar inventando.

Agradecemos a colaboração de Aline Novais de Almeida (USP) que nos ajudou a inventar o “Passado a limpo”, mais completo que nunca neste número.

CLAUDIA AMIGO PINO
MÔNICA GAMA
Editoras